



A natureza como alimento para a infância no contexto escolar *Nature as food for childhood in the school context*

SILVA, Rebeca¹; CRUZ, Mailane²

¹Instituto Federal de Concórdia, becarj@hotmail.com; ²Instituto Federal de Concórdia, maimajrc@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O presente trabalho propõe fazer uma investigação de como a natureza é imprescindível para o desenvolvimento da criança e uma aliada nas brincadeiras. Natureza é essencial para o desenvolvimento de seres humanos, somos parte dela e é essencial o permanente investimento nesse vínculo indissociável. Vamos investigar como, ainda quando crianças e morando em contextos urbanos, vamos progressivamente perdendo essa conexão. Partimos do entendimento de que é imprescindível nos primeiros anos do ensino escolar (educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental) termos um investimento crescente na sustentação desse vínculo: o sentimento de pertencimento à natureza e ao organismo Terra. E apresentaremos os resultados colhidos da nossa pesquisa de como podemos inserir no contexto escolar uma educação agroecológica como ferramenta que facilite essa ponte e garanta o direito das crianças à natureza.

Palavras-chave: direito da criança à natureza; ensino escolar; educação ecológica; agroecologia.

Contexto

O presente relato tem como objetivo geral compreender a importância do contato com a natureza no contexto escolar, numa perspectiva de direito fundamental à vida. Além disso propomos como objetivos específicos: investigar a importância da natureza para o pleno desenvolvimento do ser humano; refletir sobre os efeitos decorrentes do afastamento da natureza desde a infância; trazer a importância do “desemparedamento” na educação escolar; e, discutir se e como a agrofloresta pode ser uma ferramenta pedagógica para auxiliar a efetivação desse direito. A educadora ambientalista Lea Tiriba cunhou o termo “emparedamento” para designar a ação de manter as crianças entre quatro paredes nos muitos espaços como as salas de aulas das escolas, além de expressar a condição de emparedamento a que são submetidas.

Foi realizada uma pesquisa-ação a partir de encontros semanais com crianças com faixa etária entre cinco e dez anos na escola privada Ser Stela, que fica na região do município de Lorena, estado de São Paulo. Junto a elas, realizamos práticas agroecológicas de forma lúdica, trazendo a união entre contexto escolar urbano, natureza e brincadeira. As práticas foram acompanhadas de reflexões registradas em diário de campo, conforme será relatado no decorrer do trabalho.



Descrição da Experiência

A educação escolar se inicia, obrigatoriamente, aos quatro anos, mas, nas sociedades capitalistas, ainda mais nos grandes centros, a criança pode ter que frequentar a escola antes disso. Qual é o ambiente oferecido para essas crianças? No contexto comum do ensino escolar as crianças passam a maior parte do tempo nas diversas salas, entre paredes, algumas poucas horas no pátio, que na maioria das vezes é feito de concreto e assim os dias se sucedem e essa criança não conhece a liberdade... Ela não escolhe, apenas obedece (TIRIBA, 2022). Como afirma BAZILIO e SCHAEFER:

O ato de brincar é direito da criança e as experiências com a brincadeira precisam ser possibilitadas em diferentes formatos e contextos. A proposta de tornar a natureza uma aliada da brincadeira registra nos corpos infantis experiências positivas, nos quais a aprendizagem acontece naturalmente, sem imposições que pressionem a criança a adquirir conhecimentos de maneira compulsória. (BAZILIO; SCHAEFER, 2021, p. 47)

Como essa escola, que é lugar de encontro, pode aliar a brincadeira, a natureza e a agroecologia? Essas são questões que fundamentaram o início da minha pesquisa e a curiosidade em compreender como se dá a relação criança e natureza no âmbito escolar, para isso foi realizado um trabalho de campo com pesquisa-ação numa escola durante dois meses, a qual apresentarei na sequência.

Tive a oportunidade de conhecer e oferecer oficinas para o Centro Educacional Ser Stela - Olhos que envolvem, da rede privada de ensino, espaço de ensino e aprendizagem que atende crianças da educação infantil (à partir de um ano) e ensino fundamental (séries iniciais e anos finais). Esta foi minha escolha para realizar a prática da pesquisa dentro de uma escola, trazendo temas relacionados à natureza, pois desde que conheci o espaço, vi ali um solo fértil para abordar a temática da natureza como algo essencial para o desenvolvimento da criança e mais, para o reconhecimento dela como ente parte da natureza. Esta é uma escola privada, sendo assim, não acessível para todas as crianças, mas que almeja criar uma comunidade abraçando famílias e colaboradores através de bolsas, além de incentivar a participação ativa em mutirões, feiras e encontros celebrativos. As oficinas tiveram como objetivos: propiciar o aumento do contato das crianças com a natureza através de diferentes elementos como comer fruta colhida do pé, alimentar animais, manusear ferramentas; oportunizar a realização de aulas “desemparedadas”, ao ar livre; visitar temáticas pertinentes à agroecologia sem mencionar o conceito para as crianças, como a oficina “de onde vem a nossa comida?”.

Os temas das oficinas foram diversos, sempre propondo conectar Natureza e Cultura; e durante dez encontros posso afirmar que nos divertimos, plantamos juntos, elaboramos pomadas naturais, pasta de dente, brincamos na casinha de madeira (feita por nós); comemos fruta do pé e assim experienciamos processos de aprendizagem de base agroecológica.



Num olhar geral, percebi que as crianças que participavam das oficinas eram do turno integral e, por passarem muitas horas na escola, queriam muito ir para casa. Porém com o passar das oficinas, houve mais adesão e maior participação delas com os temas propostos e as dinâmicas oferecidas, as oficinas proporcionaram a satisfação da necessidade das crianças em estarem “desemparedadas” na natureza, aprendendo com o “corpo inteiro” (tivemos muitos momentos brincando, conversando, contemplando e em outros sentados escrevendo, fazendo desenhos); de poderem aprender com experimentos em que elas participavam “botando a mão na massa”, cheirando, comendo, tasteando; e outros momentos com vivências mais voltadas para uma educação agroecológica, como manejo da horta, plantio em consórcio com cobertura de folhas, uso de adubos feito por elas, alimentar os animais com os resíduos orgânicos da cozinha, coletar ovos, entre outras atividades que realizamos durante o período das oficinas.

Resultados

Em termos gerais, vi abertura da escola estudada para esse aprender amplo de “corpo inteiro”. Ao mesmo tempo, as educadoras que ali trabalham vieram de uma formação que preza pelo aprender do “pescoço para cima”, ou seja, conteudista. Existe então um desafio que passa também por esse “despir-se” das educadoras em relação às suas formações e pré concepções pedagógicas, para um “abrir-se” para trazer para o dia a dia escolar mais natureza e brincadeiras desemparedadas. Sobre a formação inicial de professores, a Lei nº 9.795/1999 que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental preceitua, em seu artigo 11, que “a dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas”. Ao trazer essa determinação, a Lei evidencia o caráter transversal da educação ambiental nos diferentes espaços e tempos das instituições educativas. (BRASIL, 2013, p. 538)

A agrofloresta como possibilidade de conciliar processos regenerativos e de produção de alimento, de solo, entre outros bens, pode ser um excelente caminho para desenvolver e explorar uma diversidade de conteúdos curriculares nas escolas.

Fazer agrofloresta é identificar as estruturas e os mecanismos de funcionamento da vida no local de fazer agricultura, “ocupando o nicho” humano por meio do manejo agroflorestal e orientando o sistema para a produção de alimentos e outros produtos em meio à produção de biodiversidade e da troca entre seres vivos (STEENBOCK; VEZZANI, 2013: p.24).

Pode-se usar a natureza como inspiração e laboratório na aprendizagem de todas as áreas do conhecimento abordadas no currículo escolar, além de ser um ótimo ambiente “desemparedado” para vivenciar com o “corpo inteiro” “(...) a produção de biodiversidade e da troca entre os seres vivos” (STEENBOCK; VEZZANI, 2013, p. 24). A agrofloresta como ferramenta pedagógica, deve dar foco no processo e não na técnica, onde o objetivo não é a produção em si, mas o despertar do vínculo



emocional das pessoas envolvidas (crianças e educadoras) no desenrolar da vida, no acompanhar as etapas da complexidade que é cada fase do nascimento de uma floresta, desde o germinar da semente até sua senescência, voltando para terra; o aumentando da camada de matéria orgânica e incorporação de nutrição com as podas, com a presença de microorganismos, insetos polinizadores e outros animais que vão surgindo espontaneamente no sistema diversificado. Assim, a agrofloresta dialoga com os princípios da educação ambiental:

Art. 13. das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB), com base no que dispõe a Lei nº 9.795, de 1999, são objetivos da Educação Ambiental a serem concretizados conforme cada fase, etapa, modalidade e nível de ensino: I – desenvolver a compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações para fomentar novas práticas sociais e de produção e consumo; (BRASIL, 2013: p.559).

Também tem o potencial de proporcionar um encontro maravilhoso entre crianças e natureza permeado por brincadeiras, garantindo assim o direito à natureza no contexto escolar. Porém não só, pois quando as crianças podem acompanhar na prática um modo de fazer agricultura que traz questões sobre como produzir seu próprio alimento; de onde vem nosso alimento; o que é um solo saudável; qual a importância das sementes; se todos têm acesso à terra para plantar; etc. Essas e outras questões fazem com que as crianças tenham acesso não só a um alimento saudável, um ambiente saudável, mas traz uma oportunidade de, desde a escola, carregar esses questionamentos e aprendizados para sua formação cidadã.

Como as reflexões trazidas até aqui indicam tantas outras questões que gostaríamos de compartilhar para a construção coletiva de um saber agroecológico que contribua para o “desemparedamento” de nossas crianças em seus processos formativos de vida, podemos imaginar um futuro em que nós, seres humanos, tenhamos uma atitude mais alinhada com a Vida, começando no presente pela infância. Nesse sentido, questionamos: como proporcionar para as crianças urbanas uma educação agroecológica? Pois compreendemos que mesmo que não sejamos, na cidade, produtores, precisamos nos educar como consumidoras e consumidores que acreditam, sustentam e investem em agriculturas agroecológicas. E como as escolas, principalmente, as da rede pública podem servir como (desen)formadoras de pessoas que amam, desfrutam, cuidam (de perto) da natureza, seja na prática, com plantio de agrofloresta, recuperação de parques ou áreas “verdes”, implementação de hortas escolares e comunitárias, seja desfrutando de ambientes naturais, escrevendo poemas, cantando, pintando, sendo devotas e devotos da Terra? É possível começarmos no presente, pela infância, garantindo o direito à natureza e semeando futuros que sustentam a Vida.

Referências bibliográficas

BAZILIO, Mayara; SCHAEFER, Katia Bizzo. **Crianças em ambientes naturais nas escolas de educação infantil: por corpos potentes e saudáveis.** In: OLIVEIRA, Adriana Amaral de; VELASQUES, Bruna Brandão; OLIVEIRA, Mônica Maria Souza



de (Org.). *Neurodesenvolvimento infantil em contato com a natureza* — Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021. Disponível em: https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Neurodesenvolvimento_infantil_contato_natureza.pdf. Acesso em: 11/04/2023

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica.** Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curiculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acessado em: 26/05/2023

STEENBOCK, Walter; VEZZANI, Fabiane Machado. **Agrofloresta - Aprendendo a produzir com a natureza.** Curitiba, 2013.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria.** 3ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.